

O
MAR DE
MONSTROS

PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS
LIVRO DOIS

O
MAR DE
MONSTROS



RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE RICARDO GOUVEIA



Copyright © 2006 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL
The Sea of Monsters

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Maria José de Sant'Anna
Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R452m

Riordan, Rick

O mar de monstros/ Rick Riordan ; tradução de Ricardo
Gouveia. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2009.
(Percy Jackson e os olímpianos ; v. 2)

Tradução de: The Sea of Monsters
ISBN 978-85-98078-44-1

I. Mitologia grega – Literatura infanto-juvenil. 2. Poseidon
(Divindade grega) – Literatura infanto-juvenil. 3. Hades (Divin-
dade grega) – Literatura infanto-juvenil. 4. Zeus (Divindade grega)
– Literatura infanto-juvenil. 5. Literatura infanto-juvenil americana.
I. Gouveia, Ricardo, 1942-. II. Título. III. Série

09-0322.

CDD 028.5
CDU 087.5

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua dos Oitis, 50
22451-050 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 3874-0914
Fax: (21) 3874-0578
www.intrinseca.com.br

*Para Patrick John Riordan,
o melhor contador de histórias da família*

SUMÁRIO

UM	
MEU MELHOR AMIGO VAI COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA	9
DOIS	
MEU JOGO DE QUEIMADO COM CANIBAIS	16
TRÊS	
NÓS CHAMAMOS O TÁXI DA TORMENTA ETERNA	33
QUATRO	
TYSON BRINCA COM FOGO	46
CINCO	
MEU NOVO COMPANHEIRO DE CHALÉ	56
SEIS	
O ATAQUE DOS POMBOS DEMONÍACOS	74
SETE	
EU ACEITO PRESENTES DE UM ESTRANHO	92
OITO	
NÓS EMBARCAMOS NO <i>PRINCESA ANDRÔMEDA</i>	114
NOVE	
MINHA PIOR REUNIÃO DE FAMÍLIA DE TODOS OS TEMPOS	128
DEZ	
PEGAMOS UMA CARONA COM CONFEDERADOS MORTOS	141
ONZE	
CLARISSE DETONA TUDO	155
DOZE	
NOSSA ESTADA NO SPA & RESORT DE C. C.	172

TREZE	
ANNABETH TENTA IR NADANDO PARA CASA	193
QUATORZE	
NOSSE ENCONTRO COM O CARNEIRO DA PERDIÇÃO	209
QUINZE	
NINGUÉM CONSEGUE O VELOCINO	222
DEZESSEIS	
EU AFUNDO COM O NAVIO	232
DEZESSETE	
UMA SURPRESA NOS AGUARDA EM MIAMI BEACH	239
DEZOITO	
A INVASÃO DOS PÔNEIS DE FESTA	249
DEZENOVE	
A CORRIDA DE CARRUAGENS TERMINA COM UMA EXPLOSÃO	261
VINTE	
A MAGIA DO VELOCINO É BOA ATÉ DEMAIS	276



MEU MELHOR AMIGO VAI COMPRAR UM VESTIDO DE NOIVA

Meu pesadelo começou assim.

Eu estava numa rua deserta em alguma cidadezinha à beira-mar, no meio da noite. Havia uma tempestade. O vento e a chuva açoitavam as palmeiras ao longo da calçada. Edifícios de estuque cor-de-rosa e amarelo se enfileiravam na rua, as janelas fechadas com tábuas. A um quarteirão dali, depois de uma carreira de hibiscos, o mar estava revoltado.

Flórida, pensei. Embora não tivesse certeza de como sabia isso. Eu nunca estivera na Flórida.

Então ouvi cascos chapinhando no calçamento. Virei e vi meu amigo Grover correndo para salvar sua vida.

Sim, eu disse *cascos*.

Grover é um sátiro. Da cintura para cima, parece um adolescente comum e desengonçado, com uma barbicha igual a penugem de pêssego e um problema sério de acne. Ele caminha mancando de um jeito estranho, mas, a não ser que você por acaso o pegue sem calça (coisa que não recomendo), jamais saberá que existe algo de não humano nele. Jeans folgados e pés falsos disfarçam o fato de que ele tem cascos e um traseiro peludo.

Grover foi meu melhor amigo na sexta série. Junto com uma menina chamada Annabeth, tinha me acompanhado naquela aventura para salvar o mundo, mas eu não o via desde o último mês de julho, quando ele partira sozinho em uma perigosa missão — uma missão da qual nenhum sátiro jamais voltara.

De qualquer modo, em meu sonho, Grover corria, segurando seus sapatos humanos nas mãos como costuma fazer quando precisa se mover depressa. Passou batendo os cascos pelas pequenas lojas de souvenir e de aluguel de pranchas de surfe. O vento dobrava as palmeiras quase até o chão.

Grover estava aterrorizado com algo que vinha atrás dele. Devia ter acabado de vir da praia. A areia molhada se prendia em torções ao seu pelo. Tinha escapado de algum lugar. Estava tentando fugir de... alguma coisa.

Um rugido de fazer os ossos tremerem atravessou a tempestade. Atrás de Grover, do outro lado do quarteirão, surgiu uma figura sombria. Ela derrubou um poste de iluminação com um golpe violento. A lâmpada explodiu em um milhão de fagulhas.

Grover cambaleou, choramingando de medo. Murmurou para si mesmo: “Preciso escapar. Preciso avisá-los!”

Não pude ver o que o perseguia, mas ouvi a coisa resmungando e praguejando. O chão estremeceu quando ela se aproximou. Grover se lançou em uma esquina e vacilou. Tinha entrado em um pátio sem saída cheio de lojas. Não havia tempo para voltar. A porta mais próxima fora arrombada pela tempestade. A placa acima da vitrine escura dizia: BUTIQUE NUPCIAL DE STO. AGOSTINHO.

Grover disparou para dentro. Mergulhou atrás de uma arara cheia de vestidos de noiva.

A sombra do monstro passou na frente da loja. Pude sentir o cheiro da coisa — uma combinação nauseante de lã de carneiro

molhada, carne podre e aquele esquisitíssimo odor corporal azedo que só os monstros têm, como o de um gambá que comesse apenas comida mexicana.

Grover tremia atrás dos vestidos de noiva. A sombra do monstro seguiu em frente.

Silêncio, a não ser pela chuva. Grover respirou fundo. Talvez a coisa tivesse ido embora.

Então houve um clarão de relâmpago. Toda a fachada da loja explodiu, e uma voz monstruosa berrou: “MEEEEEEU!”

Sentei-me na cama, ereto e tremendo.

Não havia tempestade. Não havia monstro.

O sol da manhã atravessava a janela do meu quarto.

Pensei ter visto uma sombra se movendo rapidamente pelo vidro — uma forma humana. Mas então ouvi uma batida na porta do quarto — minha mãe chamou:

— Percy, você vai se atrasar.

E a sombra na janela desapareceu.

Talvez tivesse sido minha imaginação. Uma janela no quinto andar, com uma escada de incêndio velha e instável do lado de fora... Não poderia haver ninguém lá.

— Venha, querido — minha mãe chamou de novo. — É o último dia de aula. Você deve estar empolgado! Está quase no fim!

— Estou indo — consegui dizer.

Apalpei embaixo do travesseiro. Meus dedos se fecharam de modo tranquilizador em volta da caneta esferográfica com a qual sempre dormia. Tirei-a de lá e estudei o que estava gravado na lateral, em grego antigo: *Anaklusmos*. Contracorrente.

Pensei em destampá-la, mas algo me conteve. Eu não usava Contracorrente havia tanto tempo...

Além disso, minha mãe me fizera prometer que não usaria armas letais no apartamento depois que eu lançara um dardo de mau jeito e atingira seu armário de porcelanas. Pus Anaklusmos sobre a mesa-de-cabeceira e me arrastei para fora da cama.

Eu me vesti o mais depressa que pude. Tentei não pensar no pesadelo, nem em monstros, nem na sombra à minha janela.

Preciso escapar. Preciso avisá-los!

O que Grover queria dizer?

Fiz uma garra de três dedos por cima do meu coração e puxei para fora — um antigo gesto que Grover me ensinara certa vez, para expulsar o mal.

O sonho não podia ter sido real.

Último dia de aula. Minha mãe estava certa, eu devia estar empolgado. Pela primeira vez na minha vida eu praticamente terminara um ano sem ser expulso. Nenhum acidente esquisito. Nenhuma briga em sala de aula. Nenhum professor se transformando em monstro e tentando me matar com comida de cantina envenenada ou dever de casa que explodia. No dia seguinte eu estaria a caminho do meu lugar favorito em todo o mundo — o Acampamento Meio-Sangue.

Só faltava um dia. Certamente, nem eu conseguiria estragar tudo.

Como de costume, eu não tinha idéia de como estava errado.

Minha mãe fez waffles azuis com ovos azuis para o café-da-manhã. Isso faz dela uma pessoa engraçada, comemorar ocasiões especiais com comida azul. Acho que é o jeito dela de dizer que tudo é possível. Percy pode terminar a sétima série. Waffles podem ser azuis. Pequenos milagres assim.

Comi à mesa da cozinha enquanto minha mãe lavava a louça. Ela estava usando seu uniforme de trabalho — saia azul estrelada

e blusa listrada de vermelho e branco, que vestia para vender doces na confeitaria Doce América. Seus cabelos castanhos e compridos estavam presos em um rabo-de-cavalo.

Os waffles estavam uma delícia, mas acho que eu não os devorava como de costume. Minha mãe deu uma olhada e franziu a testa.

— Percy, você está bem?

— Sim... estou ótimo.

Mas ela sempre percebia quando algo me incomodava. Enxugou as mãos e sentou-se na minha frente.

— Escola ou...

Não precisava completar. Eu sabia o que ela estava perguntando.

— Acho que Grover está com problemas — falei, e contei a ela o sonho.

Ela contraiu os lábios. Não falamos muito sobre a *outra* parte da minha vida. Tentamos viver do modo mais normal possível, mas minha mãe sabia tudo sobre Grover.

— Eu não me preocuparia tanto, querido — disse ela. — Grover já é um sátiro crescido. Se houvesse um problema, estou certa de que teríamos notícias do... do acampamento... — Os ombros dela ficaram tensos quando ela falou a palavra *acampamento*.

— O que foi? — perguntei.

— Nada — disse ela. — Quer saber? Esta tarde vamos comemorar o fim das aulas. Vou levar você e Tyson para o Rockefeller Center... para aquela loja de skates de que você gosta.

Cara, aquilo era tentador. Estamos sempre batalhando por dinheiro. Entre as aulas da minha mãe à noite e a mensalidade da minha escola particular, nunca podíamos nos permitir coisas especiais, como comprar um skate. Mas algo na voz dela me incomodou.

— Espere aí — falei. — Pensei que hoje à noite fôssemos arrumar minhas coisas para o acampamento.

Ela torceu o pano de prato.

— Ah! querido, quanto a isso... Recebi uma mensagem de Quíron na noite passada.

Meu coração ficou apertado. Quíron era o diretor de atividades do Acampamento Meio-Sangue. Ele não faria contato a não ser que algo sério estivesse acontecendo.

— O que ele disse?

— Ele acha... que poderia não ser seguro você ir para o campo agora. Talvez tenhamos de adiar.

— *Adiar?* Mamãe, como poderia não ser *seguro*? Eu sou um meio-sangue! É, tipo, o único lugar seguro para mim neste mundo!

— Costuma ser, querido. Mas com os problemas que eles estão enfrentando...

— *Que* problemas?

— Percy... Sinto muito, muito mesmo. Esperava falar com você sobre isso esta tarde. Não posso explicar tudo agora. Não sei nem se Quíron pode explicar. Tudo aconteceu muito de repente.

Minha cabeça estava girando. Como eu poderia *não* ir para o acampamento? Queria fazer um milhão de perguntas, mas justamente nesse momento o relógio da cozinha bateu meia hora.

Minha mãe pareceu quase aliviada.

— Sete e meia, querido. Você precisa ir. Tyson estará esperando.

— Mas...

— Percy, vamos conversar hoje à tarde. Vá para a escola.

Aquilo era a última coisa que eu queria fazer, mas minha mãe estava com aquela expressão frágil nos olhos — uma espécie de aviso, como se ela fosse chorar se eu a pressionasse demais. Além

disso, ela estava certa quanto ao meu amigo Tyson. Precisava encontrá-lo na estação do metrô a tempo, ou ele ficaria zangado. Ele tinha medo de viajar embaixo da terra sozinho.

Juntei minhas coisas, mas parei na porta.

— Mamãe, esse problema no acampamento. Tem... poderia ter alguma coisa a ver com meu sonho com Grover?

Ela não me olhou nos olhos.

— Vamos conversar hoje à tarde, querido. Eu vou explicar... o que puder.

Eu me despedi dela, relutante. Corri escada abaixo para pegar o trem Número 2.

Eu não sabia então, mas minha mãe e eu nunca teríamos nossa conversa à tarde.

Na verdade, eu não voltaria a ver nossa casa por um longo, longo tempo.

Quando saí, dei uma olhada para o edifício marrom do outro lado da rua. Só por um segundo vi uma forma escura à luz da manhã — uma silhueta humana contra a parede de tijolos, uma sombra que não pertencia a ninguém.

Então ela tremulou e desapareceu.